

FHC fala em democracia na globalização

O presidente diz que FMI, Banco Mundial e Bis estão despreparados para os novos tempos

Maria Clara R. M. do Prado
de Londres

O Presidente Fernando Henrique Cardoso acha que o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e outras organizações, como Banco Internacional para Compensações (BIS) – o banco central dos bancos centrais, com sede na Basileia, Suíça – são hoje estruturas ultrapassadas e despreparadas para lidarem com o processo de globalização e com a nova tecnologia.

“As instituições de Bretton Woods (onde foram criados o FMI e o Banco Mundial, em 1945) foram importantes depois da Segunda Guerra Mundial para restabelecer o fluxo de comércio mas já não bastam para lidar com a nova civilização”, disse o Presidente ontem, pregando também uma reforma na composição e nas formas de atuação do Conselho de Segurança da ONU (Organização

das Nações Unidas, “de modo a assegurar que ele tenha legitimidade indispensável para um papel de relevo na defesa da paz e da segurança internacional”.

Sabe-se que o Brasil tem interesse em garantir uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU e o governo britânico tem dado sinais de que apoia a tese da reestruturação daquele conselho. Eis aí, portanto, um tema de ressonância entre os dois países. Ontem, no entanto, quando pregou o repensar daquelas instituições e organismos, o Presidente Fernando Henrique tinha em mente uma preocupação maior e que tem sempre colocado publicamente durante suas viagens ao exterior: a convivência da globalização com a democracia. Foi esse, na verdade o gancho da palestra que fez ontem na London School of Economics (LSE), da Universidade de Lon-



Fernando Henrique Cardoso

dres, onde recebeu de doutor em Ciências Econômicas.

O presidente chegou a sentir um mal-estar e teve de interromper por alguns segundos o seu discurso. A sala era pequena e estava repleta de gente. Além disso, o peso da capa e do quepe próprios para a solenidade contribuíram certa-

mente para que o Presidente sentisse calor, em contraste com a temperatura em torno de seis a sete graus positivos que fazia do lado de fora. Ele pediu para tirar o quepe da cabeça, sentou-se em uma cadeira na mesma plataforma de onde discursou (e que estava posicionada de frente para o público), tomou alguns goles de água, e continuou, sentado, o seu discurso.

Para espanto de alguns dos presentes e, contrariando uma das teses em voga, o Presidente Fernando Henrique Cardoso pediu ainda mais democracia como a melhor forma para os governos passarem a conviver com a globalização. Ele se opõe, portanto, à idéia dos que defendem um retorno às práticas mais autoritárias de governo. No entanto, chamou a atenção para um aspecto crucial: “A interdependência entre os Estados é um fato e ignorá-lo seria condenar os nossos esforços, desde logo, ao reino da fantasia, mas isso não nos exime de examinar a questão de saber o que é possível e necessário regular, no plano internacional, para que a vontade dos cidadãos possa ser democraticamente exercida.

Há algo verdadeiramente novo a ser construído nesta nova fase. Fernando Henrique Cardoso não sabe bem qual é a solução, mas acha que é dever dos governos colocar atenção ao que diz a sociedade, ao que dizem os vários grupos que encontram excluídos do processo. Da mesma forma, também os organismos e instituições não governamentais terão de se adequar aos novos tempos, passando a dialogar, ao invés de apenas protestar. Nesse tempo, o presidente aproveitou para criticar a manifestação de protesto que reuniu cerca de 30 a 40 pessoas em frente a LSE, em defesa dos índios e dos sem-terra. “Me deu vontade de ir conversar com eles, mas eles não querem dialogar, preferem ficar sozinhos, isso porém não é futuro, é o passado”, disse ele à platéia que o ouvia na LSE.